



O Gaiato

20 DE SETEMBRO DE 1969
ANO XXVI — N.º 666 — Preço 1\$00

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFICAS DA CASA DO GAIATO



O Quim veio da encosta da Serra da Boa Viagem. Vivia com uns parentes numa barraca. Era para ter vindo em Março, mas na altura alguém o tinha levado para guardar gado com um pastor de oitenta anos. O Quim fugiu ao pastor e regressou à barraca dos parentes. Entre o guardar um rebanho e o viver numa barraca não sei qual o melhor.

O Quim tem agora sete anos. Um taberneiro dava-lhe copos de vinho para ele dizer e fazer gracinhas. É filho de uma rapariga menor e atrasada. É filho das ruas da Figueira da Foz e de Buarcos, por onde a mãe passava os dias e as noites a beber e a ser esfarrapada. A mãe do Quim está presa nas Cadeias Centrais de Lisboa, em Tires.

O Quim é mais um fruto do lixo deixado pelos que vão para as praias gozar. Que pouca vergonha se nota por toda a parte!

Na altura em que estivemos na Praia de Mira, uma mamã dizia muito inocentemente numa reunião de amigas: — «A minha filha adora a Praia de Mira por causa das dunas».

Esta mamã não saberá, nem quererá saber o porquê da adoração da filha?

Na Figueira informaram-nos de que já havia três clubes nocturnos e que tudo aquilo era chic. Apeteceu-me perguntar se era chique ou se era um chiqueiro.

Hoje permite-se tudo. Dão-se todas as liberdades. Não há idades para certos ambientes. A juventude, na sua força de generosidade, luta pela sua independência. Agrupa-se e convive conforme pode. Não faz selecção. Quer qualquer coisa, mas não sabe o quê. Anda à procura dum ideal de felicidade, mas não o encontra, porque não sabe o Caminho. Não aceita o rumo dos pais, porque há pais que abandonam os filhos a si próprios. Muitos pais também querem ser livres. Preferem ver os filhos arrumados, mesmo que seja de qualquer modo.

Nós que, por missão, somos pais dos filhos de ninguém,

C. na 2.ª pág.

A procissão a favor da luz prá nossa Aldeia chegou cá no dia 15 de Agosto. A frente, um grande grupo de motorizadas e motos a dar vida. A seguir, o Angola Norte e o Rádio Club, que tão amigos e eficientes foram nesta campanha. Depois, automóveis e automóveis; carrinhas com açúcar, com toros de madeira (que grandes e lindos toros!), outras sabão, gasóleo, arroz, batata, azeite e roupas; e camionetas com cimento e areia — e duas com tijolo. Também um barco! Já está na lagoa. Também um lindo móvel! Já está na sala de jantar. E alfaia agrícola que vai fazer jeito.

No fim, foi-nos entregue pelo Snr. Vilela de Matos a lista com o resultado final dos donativos em dinheiro — cento e doze mil escudos.

Foi uma jornada cheia de calor e simplicidade. Gestos amorosos, alguns escondidos.

A luz eléctrica na nossa Aldeia, graças ao carinho da boa gente de Malanje e à Junta Provincial de electrificação, que nos ofereceu os seis quilómetros de linha e o posto de transformação, será, muito breve, uma realidade consoladora.

A todos os que nos deram a sua ajuda que o Senhor ajude mais ainda.

Padre Telmo

A nossa Tipografia

Cantinho dos Rapazes

«Quando começar a ler esta carta deve ficar um pouco surpreendido e, com razão para tal.

Está a fazer um ano que eu virei costas à casa que me criou e educou desde pequenino; um ano passou e, talvez com um pouco de ousadia eu pergunto, ou melhor peço: Poderei ainda voltar?!

Desde que saí faltou-me sempre algo, que só agora compreendo, e espero que não seja tarde demais.

Quando penso que poderia voltar, cai sobre mim uma enorme alegria, o amor que eu não encontrei durante um ano, nesses pequenos momentos de meditação torna-me feliz. Nunca me faltou nada, graças a Deus, mas ao mesmo tempo faltava-me tudo.

Razão da minha saída: somente orgulho, é difícil compreender tudo isto mas é a única verdade.

Quantas vezes eu tenho encontrado alguns rapazes que já foram Gaiatos, e lhes tenho dito, vou pedir para ir para lá novamente! É isso que eu hoje estou a fazer, estou a pedir-lhe a felicidade que desprezei.

Se me responder, já fico mais tranquilo, e mais ficarei se atender o meu pedido.

Não sou capaz de escrever mais, tantos pensamentos, que até não consigo deduzir mais nenhum. Cumprimentos para a malta, e aguardo a todo o instante a sua resposta. Agradecendo antecipadamente me despeço com os respeitosos cumprimentos. Jorge Manuel.»



Demos os primeiros passos em Setembro de 1949. A nossa Tipografia de Paço de Sousa fez, portanto, vinte anos.

Queria fazer um leve esboço da sua história. São duas décadas de trabalho, sacrifícios, promessas, êxitos e fracassos. É isto mesmo a sua história!

Todavia, não vejo nada mais rico e oportuno, para este dia, que dar a voz a Pai Américo:

«Nunca foi tão nossa como hoje! Aonde antes se lia um nome estranho, hoje, nesse mesmo lugar, lê-se: composto e impresso na Tipografia da Casa do Galato em Paço de Sousa. É o número 145 do jornal que dá ao mundo a novidade. Nunca foi tão nossa como hoje!

Cheguei ao que desejava. As ideias são lâminas cortantes e de força quase indomável. Todos trabalhamos para chegar a este ponto e todos gozamos o panorama da mesma maneira. Quer seja pela leitura desta notícia, quer seja pela presença e toque do que ela diz, uns e outros naturalmente se regozijam por verem em acção o fruto dos seus sacrifícios: o trabalho. O trabalho a ensinar. O trabalho

Continua na QUARTA página

Que felicidade para todos, os que fazemos ou lemos o jornal, a sua essência de tribuna de diálogo a que tem acesso tanto o mais letrado com o suporte da sua ciência, como o humilde em quem resplandece a Sabedoria divina!

Vejam esta carta:

«Meu Padre

Aqui segue da parte da nossa filha, e para os vossos filhos, nossos irmãos, o abono de família do mês de Agosto.

A partir deste momento, e porque os dois conseguimos a aproximação, melhor a possibilidade de trabalharmos e vivermos juntos em X, e porque conjuntamente ganhamos mais de 6.000\$00 (!!) ela deixa de ter direito ao abono de família.

Mas se Deus nos ajudar, continuaremos, embora com mais sacrifício a enviá-lo todos os meses — Deus tem-nos dado tanto que não temos o direito de ser ingratos e esquecer os outros.

Quando digo «tem-nos dado tanto» quero referir-me a compreensão, paz, saúde, pos-

DOCTRINA

sibilidade de ganhar o pão nosso de cada dia com o suor do nosso rosto, e capacidade de nos não esquecermos totalmente (embora de vez em quando haja uma grande tentação de o fazer) do que devemos aos outros, de que somos devedores e eles credores, e que lhes devemos pagar o mais pontualmente possível, afim de nos sentirmos mais livres, mais disponíveis para caminhar em frente — pagar em amor, em justiça, em compreensão e ternura, visto que nós temos possibilidade de o fazer, e não temos o direito de aferrolhar os nossos bens.

Desculpe este arrazoado, meu Padre, tão mal alinhavado, mas é tarde e o cansaço é algum. Porém não quizesmos deixar

para amanhã, pois já nos atzamos mais de oito dias. A vossa benção.

Um Casal muito Amigo.»

Vejam que linda página de doutrina social cristã! Palavras certas — legenda do «amor em obras, em verdade» que lhes dá todo o seu fulgor.

1.º — O sinal por que se conhecerão os discípulos de Cristo. «Vede como eles se amam!»

É assim com o nosso «Casal muito amigo». O amor de Deus, de que são alvo, gera neles a necessidade de amar. «Deus tem-nos dado tanto que não temos o direito de ser ingratos e esquecer os outros».

2.º — A recta hierarquia de valores: «Quando digo «tem-nos dado tanto», quero referir-me a compreensão, paz, saúde...»

Pois há no mundo riqueza que valha a saúde, a compreensão, a paz? Quantos milionários não consomem em vão fortunas enormes em busca da saúde?! Quantos não trocariam tudo quanto têm por um pedaço de compreensão, de paz?!

Há lá riqueza que as valha!

3.º — Acolhimento amável da lei universal do trabalho.

Depois, a saúde é a base insubstituível da «possibilidade de ganhar o pão nosso de cada dia com o suor do nosso rosto».

Na verdade esta aceitação parece cada vez mais um dom do Céu, num mundo que passa os outros dias da semana, à espera do sábado e domingo!

4.º — Outra vez o sinal do verdadeiro cristão.

A compreensão e a paz na própria família estruturam solidamente «a capacidade de nos não esquecermos totalmente do que devemos aos outros...»

E neste ponto, o nosso «Casal muito amigo» não se basta com palavras melífluas. Não silencia a fraqueza humana, sempre sujeita a tentações. E insiste: «somos devedores e eles credores e devemos-lhe pagar o mais pontualmente possível... — pagar em amor, em justiça, em compreensão e ternura, visto que temos possibilidade de o fazer e não temos o direito de aferrolhar os nossos bens.»

5.º — O sentido exacto da grandeza do homem, que nasceu para ser santo.

O amor aos outros, a prestação da justiça que lhes devemos, faz-nos «mais livres, mais disponíveis para caminhar em frente...»

Ó beleza de uma consciência cristã, viva!

Que o nosso «Casal muito amigo» nos abençoe sempre da abundância dos seus Bens.



Rogério é cadete em Mafra. Laurindo é o responsável pelas Oficinas Tipográficas e, nas horas vagas, Chefe maior da nossa Casa. Rui, que foi agora à inspecção e ficou apurado, parece que desanimou. Senhor Padre Acílio tem andado com a camioneta a carregar pedra e cimento para fazer socalcos e muros, a fim de que a nossa quinta melhore cada vez mais e aos nossos pedreiros não falte que fazer. Nos fins de semana, lá vai ele pr'aqui e pr'ali a pedir. Hoje está no Algarve. Só quem vive os nossos problemas, conhece as suas dificuldades. Não temos mesários nem provedores. Não temos receitas nem fundos de reserva. E para que o pão não falte, o trabalho e o esforço têm que sair de nós em doação para outros.

x x x

Foi nesta visão que Laurindo reuniu os mais velhos, os mais capazes de compreenderem a coisa, e lhes disse da hora presente: — «Eu estou na oficina, e não posso estar noutro lado. Senhor Padre Acílio tem que andar com a camioneta pr'aqui e pr'ali, e agora tem os peditórios, e também não pode estar em todo o lado. É preciso que nós sintamos a responsabilidade e ajudemos, estando cada um no seu lugar». Laurindo leu falas de Pai Américo a confirmar o que sentia. Pediu opiniões, e a todos se exigiu parecer, dado que a hora não se prestava para

Continua na TERCEIRA página

AGORA

Nas listas do Montepio Geral, a 19.ª entrega para a Casa Rodízio e duas vezes 500\$ da mesma pessoa, sendo uma das quantias a 1.ª prestação da Casa Leninha.

Mais duas pedras de 1.500\$ a acrescentar à Casa Ascensão.

A «Mãe que crê em Deus» não desfalece na sua fé. Af vai com 5 presenças, uma delas antecipada, pois «fico assim mais satisfeita por não haver atzozos».

Da Avenida dos E. U. da América, «por conta da minha dívida, mais uma prestação de 2.000\$00.»

Igual quantia a «completar o nosso desejo (de minha mulher e meu) de erguer a Casa dos Setes. É com muita satisfação que vemos realizado o nosso sonho que já vem de há alguns anos — minha mulher, eu, 2 filhas, 3 filhos.» Como «tudo vale a pena (e é possível) quando a alma não é pequena!» Duas cartas com 500\$00 e 1.000\$ para a Casa Rosarinho e para a das Três Marias e este desabafo, tão humano:

«Gostaria de ter coragem de destinar todo o dinheiro que tenho enviado, para ajudar a compôr as casas dos que não podem fazê-lo sózinhos, e precisam da nossa ajuda.

Mas a verdade é que não consigo renunciar a este sonho

que me acompanha há anos de saber que existe uma casa das 3 Marias, e este sonho mais recente da Casa Rosarinho.

Se Deus me conceder esta grande consolação de saber prontas e habitadas as minhas duas casinhas eu continuarei a mandar, com o mesmo entusiasmo de agora, todas as migalhas que puder, e então serão para quem precisar de auxílio sem a preocupação de dar um nome à casa.»

As alunas do ciclo preparatório do Liceu Rainha Santa Isabel aí vieram com 6.000\$00. Há uma dúzia de anos (ou mais!) que a fogueira pegou naquele Liceu e nunca se extinguiu. Abençoado seja!

«Mais uma prestação para a Casa de Abel e Maria Ermelinda»: 1.000\$.

Seiscentos para a Casa de S. Judas Tadeu (iniciada por uma Religiosa que presentemente não pode enviar nenhuma quantia). É alguém, de família ou amigo, que o faz por ela.

De um engenheiro de Lisboa, «5.000\$00, a 6.ª prestação que, junta às 5 anteriores de 4.000\$, perfaz a quantia de 25 contos para a construção e auxílio de casas para os Pobres».

Mais 500\$ para a Casa de Santa Ana e S. Joaquim. E mais este depoimento, enviado poucos dias após:

«Ao ler hoje o «Património dos Pobres», no último «O Galato», resolvi vir dizer-lhe que os 5.500\$ que enviei para dar início a uma casa «com placa» fossem aplicados, como muito bem sugere no «Património», em benefício do casal cuja situação aflitiva descreve. Pretendia eu prestar sentida homenagem à memória dum honrado casal, cheio de virtudes, pondo na «placa» os nomes dos seus Patronos; grande erro o meu, que o vosso artigo veio esclarecer, pois creio que, se lhes é dado ver o que aqui se passa, ficarão mais contentes sabendo que alguém está já a beneficiar da minha ajuda.

Continuarei a enviar, quando me for possível, as verbas que puder até perfazer os 12.000\$ que aplicareis nas casas que mais urgentemente carecerem destas migalhas.»

Mais 3.000\$ para a Casa Agradecida a Deus.

A Casa de Santa Teresinha, com o vale emitido em 8 de Julho, perfaz a importância de 24 contos.

2.000\$ + 500\$ + 500\$ para a Casa José Carlos. «Mais uma pedrita para a Casa de Espírito Santo. É pouco mas, com a graça de Deus, havemos de chegar ao fim».

«Cruz», da Beira, com várias presenças que totalizam 450\$ para a Casa do meu Pai, além do que vem mensalmente para o seu Pobre.

Maria Alice com 5 «gotinhas» de 100\$ para a Casa de S.ta Filomena.

E aqui termina hoje o desfile do grupo das Casas a prestações.



Cont. da PRIMEIRA página

contra quem o explorou. A mãe do Quim acompanhará da cadeia a voz do filho, a gritar bem alto com ele.

E às vozes do Quim e de sua mãe unir-se-ão todas as vozes dos filhos de ninguém e todas as vozes das mães atrasadas mentais a quem alcoolizaram e a quem roubaram a dignidade de mulher e filha de Deus.

Cont. da PRIMEIRA página

cada vez nos amarguramos mais com a vida desta nossa sociedade e sentimos amargamente nos nossos rapazes a influência nociva que vem de fora.

O Quim que na hora em que chegou disse muitas asneiras à missa; que fugiu no segundo dia e já o fomos apanhar a dez km. de distância; que anda sempre a fazer queixa dos outros «cachôpos» — o Quim é uma voz inocente a gritar por justiça contra quem estragou a mãe, contra quem o gerou,



Visado pela
Comissão de Censura

Alvissareiro, não há cá em Casa como o Raimundo branco. Pela-se por levar novidades daqui pr'acólá; e ao menor sinal delas, ele aí está de ouvido alerta, pronto a partir, sem mais cuidar do fundamento das notícias.

Uma tarde destas descansava eu o meu bocado, não sem ser visitado por um que me veio fazer queixa de outro que fôra ao seu quintal roubar uma abóbora ali patente em suas mãos, e por outro que me veio trazer um remédio que tinha achado e entendera fazer bem à minha cabeça cansada e, finalmente, pelo Raimundo.

Com uma cara, cujo esgar não deixa perceber bem se é de riso ou de aflição; com sua voz muito sonora — comunica-me que há fogo em Calves; que o sr. Pinheira lho dissera e mandara avisar.

Levantei-me num pulo, saltei a um ponto da quinta de onde se veria o fogo — e vi, realmente, uma grande coluna de fumo, mas muito por detrás de Calves.

Que alívio!

Mas bem me apeteceu pôr-lhe um certo sítio «a deitar fumo» como se via atrás de Calves!

E fiquei a pensar que, se houvesse um Sindicato das Bisbilhoteiras, Raimundo ficava muito bem a Presidente e sr. Pinheira a secretário.

x x x

A propósito do «certo sítio a deitar fumo»:

«Pisguita» é um dos heróis máximos na fuga ao trabalho. De tal maneira esta característica o define, que a malta o baptizou justamente de «Pisguita».

Em volta pela quinta inquiri do Luís, encarregado de o guardar à vista, do seu paradeiro. — Qual quê?! mal aqui chegou depois do café, pediu para ir ao quarto de banho e mais ninguém o viu.

O regresso à Casa-Mãe fi-lo por trás da Tipografia, e com quem havia de dar? — Sentado no corredor que dá para o cardanho, «Pisguita» entretidíssimo na brincadeira.

Chamei-o. Começou logo a puxar pelas lágrimas entre altos gritos: — Ai que já me dói tanto a barriga! Perdê-me Sr. Padre! Ai a minha barriga!

Pois eu passei-lhe a dor de barriga para o tal «sítio». Ficou bem vermelho e pouco apto a servir-lhe de assento.

Até ver o remédio resultou!

x x x

«Vádio» tem-se portado muito bem ultimamente. Depois de uma série de aventuras aqui reveladas há três quinzenas, Manuel António (É ele o compositor de «O Gaiato»), por isso lhe não posso chamar «Caneco»), resolveu levá-lo para seu secretário e tem-no perto de si na sala da composição, sempre empregado na apanha do tipo que cai e do lixo que se junta.

Há muito tempo, pois, que «Vádio» não é castigado. E, talvez porque até ele próprio estranhe, quando entro na oficina e o olho, ele responde-me com outro olhar, tão sorridente, tão significativo, que eu estou em desistir da troca que já propusera ao Snr. Tenente Rangel.

Continua na QUARTA página

No passado dia 1 de Maio Paulo VI proferiu um discurso rico de conteúdo, a propósito do espírito de pobreza de que se devem revestir os católicos e da ajuda que todos devem facultar à causa dos trabalhadores e dos necessitados. Vale a pena resumir os principais tópicos abordados.

Os cristãos devem, mais do que nunca, ser discípulos da pobreza de Cristo. Não para pôrem em causa o progresso material mas para avivarem bem que, só nas forças espirituais, na graça e na imitação de Cristo, devem pôr toda a confiança, como lembra o Evan-

«Diário de Moçambique»

Há meses fôramos alertados por uma notícia que não se confirmou. Ficámos contentes. Pensámos que também assim ficaria no Céu D. Sebastião.

A notícia voltou, agora consumada: o jornal foi vendido.

Não discutimos, não julgamos. Não temos direito nem competência para tal. Sofremos, sim.

O «Diário de Moçambique» ocupou uma posição singular na história do jornalismo português nas últimas décadas. Tão sincera, tão autêntica, que muitos, confessionalmente não católicos, o preferiam por ser tribuna livre, não isenta de erros, certamente, como tudo o que é humano, mas sempre lógica consigo mesma, invencivelmente fiel ao ideal do Reino de Deus: Verdade, Justiça, Amor e Paz.

Temos pena, pois. E parece-nos um prejuízo que jornalismo em Moçambique tenha passado a profissão bancária.

Aqui Lisboa

gelho: «Guardai-vos de toda a avareza, porque mesmo que se tenha muito, a vida não está toda nos bens.» (Lucas, XII,15). Por outro lado, na medida em que procuram seguir a Cristo, os cristãos são levados a procurar o bom uso da riqueza, que devem utilizar em pão para os Pobres, na distribuição mais equitativa dos bens temporais, no serviço do homem, isto é, segundo a palavra de João XXIII na «Pacem in Terris», na «disposição permanente para darem uns aos outros o melhor de si mesmos».

Depois de recordar que a pobreza tem estado sempre unida à condição de trabalho, mormente do mais humilde, desprezado e alvo de abusos e prepotências, Paulo VI recorda que, se foi pelo pecado que entraram no mundo os sofrimentos, a fadiga, o suor do rosto e a miséria espiritual e material, Cristo, embora sem mácula, se sujeitou, na escola de Nazaré, a todas as conseiras e a todas as dificuldades, levando vida humilde e oculta de simples trabalhador, junto de S. José. Desta maneira, ao lado do aspecto penoso e de mister sadio o trabalho adquiriu, ao ser assumido por Cristo, a sua antiga função de colaboração prestada a Deus, como se inculca no Génesis, e torna-nos participantes do sentir de Cristo e move-nos a percorrer os Seus caminhos e a adoptar os Seus exemplos.

Paulo VI recorda mais além as encíclicas sociais, demons-

trativas do interesse da Igreja pelos que trabalham, pugnando por uma melhor justiça social e defendendo a dignidade da pessoa humana. Recordando as desigualdades existentes e o retorno a situações alarmantes de outros tempos, o Papa afirma que o homem é, em alguns casos, mero instrumento à mercê de leis económicas sem piedade. Por isso lembra que é preciso agir em nome do Senhor, pois é seu desejo; e que o progresso é o novo nome da paz, como afirmara na «Populorum Progressio».

Apontando que ninguém se deve furtar a um sério exame de consciência ante o conhecimento das realidades, o Papa diz-nos que devemos amar a pobreza, porque Cristo a amou, o qual, «sendo rico Se fez pobre para enriquecer com a Sua Pobreza» (II Cor. 8, 9). Devemos praticá-la, fazendo-nos pobres e vazios diante de Deus porque Ele «enche de bens os que têm fome e despede os ricos sem nada» (Lucas, I, 53), desprendendo-nos dos bens terrenos e dando o supérfluo a quem precisa (Lucas II, 41). Devemos amar os Pobres, que em certo sentido, são sacramento de Cristo, porque com eles — os que têm fome, os que têm sede, os que estão longe da pátria, os que não têm de vestir, os doentes, os prisioneiros — Cristo quis identificar - Se misticamente (cfr. Mat. XXV, 31-46).

As palavras apontadas são daquelas que pouco agradam ao Mundo e que, tantas vezes, são utilizadas ainda. Mas palavras não bastam para impedir a injustiça e as mais calamitosas desigualdades. É que como disse o Cardeal Léger, «fala-se e prega-se muito em torno da necessidade de combater a miséria e a fome, mas são fáceis as palavras no mundo da abundância. Há que entrar no mundo do sofrimento, onde estão os Pobres e onde há maior necessidade de assistência». É preciso apalpar as realidades para as sentir e, em última análise, como o diz ainda o antigo arcebispo de Montreal, «a mensagem de Cristo não pode ser transmitida ao mundo apenas por palavras, mas também com exemplo de vida», que nos leva a repetir aqui o brado da velha parábola: «Porque estais todos o dia ociosos? Ide também vós para a minha vinha!» (Mat. XX, 6). «Non verba, sed acta», como no velho ríflão latino, e o Mundo será melhor e os homens serão mais ricos e felizes.

Padre Luís



SETUBAL

Cont. da SEGUNDA página

abstencções. Temos que conhecer o seu verdadeiro sabor. As canseiras e as preocupações dos pais têm que ser transmitidas aos filhos, para que eles as sintam e chamem a si a responsabilidade daquilo que lhes compete. Que boa esta reunião, onde só eles estiveram e disseram!

x x x

«Gazosas» é vendedor de «O Gaiato». Ele é dos mais aferrados e briosos. Na passada quinzena, e depois do domingo de venda, Senhor Padre Acílio perguntou quem queria ir à feira de S. Tiago, e distribuiu dinheiro conforme idades e consciência. «Gazosas» também foi e gostou. No dia seguinte

faz os comentários e diz do que gastou e em que gastou e com quem. «Um senhor meu freguês deu-me tanto, um outro deu-me tanto, uma freguesa deu-me tanto, e eu gastei tudo com fulano e cicrano...»

Eu ouvi contente a narração, mas quando chegou ao «gastei» é que eu vi o que devia dizer.

«Foram os fregueses que deram». Ora, se Senhor Padre Acílio só lhe deu uma determinada quantia, por alguma razão foi. E disse ao «Gazosas» que não devia ter gasto aquele dinheiro, apesar de dado pelos seus fregueses pra gastar na feira. Ai dos pais que não põem rédeas aos filhos, e ai destes se os pais vivem na ignorância do deixa gastar.

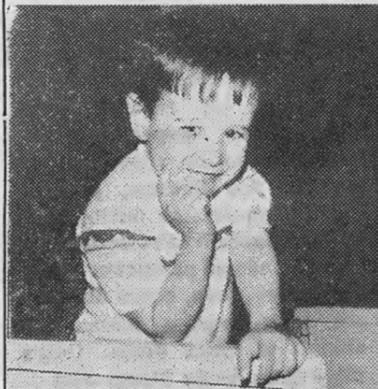
«Gazosas», còrado, percebeu o seu dever. Deus queira que

os seus fregueses, mais os dos outros compreendam os males que podem vir através do dinheiro que se dá individualmente.

x x x

Os nossos têm ido diariamente à praia por amor da saúde. «Banana» também foi. Lá, enquanto os outros brincavam e davam largas ao desejo da banhoca, «Banana» recebeu uma saca com maçãs e sandes que uns senhores lhe deram e veio a correr chamar os outros, e sentou-se a distribuir. «É para todos». O «Banana» a dar uma lição a todos nós! Temos tanto que aprender para que o egoísmo não crie raízes!

Ernesto Pinto



Carlos Augusto e Lígia, filhos do nosso Tomaz, de Lourenço Marques.



Lourenço Marques

Há meses que não aparece esta coluna dos maiseis como lhe chamamos na gíria do Gaiato, por causa dos muitos «maiseis» como se fosse só juntar, mas na realidade o dinheiro não chega a amontoar-se em nossa Casa. Quantas vezes não dura vinte e quatro horas! Graças a Deus que nunca nos seduziu. Apenas o procuramos como um meio de trabalho e não como um fim.

Poderá parecer muito neste dar conta de três meses, mas não é nada. Tudo desapareceu para ficar apenas o bem que se proporcionou aos rapazes.

Muitas vezes nem tomamos nota das roupas que nos dão, como estas que vieram da rua João das Regras. Por iniciativa da Câmara Municipal de João

Belo chegaram dez mil escudos para as nossas obras. Que razoável seria que outras fizessem o mesmo ao menos daquelas terras donde recebemos rapazes. Da Fundação F. Dicca metade. Dum anónimo 60\$00 para os Pobres. É uma presença muito discreta e certinha.

Do prédio Fonte Nova, livros e jornais; idem da T. Ribeiro. E Farmácia Galeno com um frigorífico. Eng.º que já nos é familiar 500\$. Pelo bom resultado do exame da sua filha 200\$. Mais jornais. Mais uma novilha para a nossa manada e um acolhimento que nos encantou. Do Dafundo, velha amiga com 200\$. Utilidades da rua Gen. Rosado. De Ualasse cem.

Uma gabardina nova para o Ezequiel e um casaco janota

para o Jaimito e quantas vezes roupas e calçado e mimos aos vendedores. Mais cem de A. Correia e 50\$ de alguém. Uma carrada de laranjas que distribuímos pelo Samuel e tem sido a delícia das nossas refeições. Da Gomes Freire um tanque de lavar e talheres. Do sr. Dias um caixote com coisas de cosinha. De uma promessa mil e cem. É um senhor que conhece bem a nossa Casa de Paço de Sousa.

Outra de 3.000\$. É a segunda vez. Do Amigo do Toninho, para cimento, mil. Mais uma visita do nosso Manuel Pedreiro, hoje construtor civil na África do Sul, com muitos mimos para os rapazes e dois mil escudos. Empregado do B. N. U. com cem. Livros escolares e mais 500\$; e bolos. Um jogo de loiça em memória da esposa que Deus tenha em Paz.

Na partida para a Metrópole mil e ferramenta de serralheiro. Quanta não precisamos nós agora que as oficinas vão ser electrificadas: engenho de furar, broquins, rebarbadora, esmeril, tornos de bancada, forja, martelos e ferramentas miúdas. Empregado dos C. F. cem e um relógio de parede e máquina fotográfica nova de visitantes. De uma mãe e seus filhos 500\$ entregues por um deles com muito carinho. De I. Bragança na Farmácia Normal 300\$ todos os meses. De outro antigo Gaiato 200\$. De um colega e Professor Universitário 500\$00. Idem de senhora de Xinavane que cá voltou com toda a fa-

mília. Visitantes com roupas e cem. Outra vez mil e 1 rand., de um casal. Trinta de visitantes e remédios e mais 200\$00 e 50\$00 três vezes. No mesmo dia 500\$00 de promessa pela saúde de pessoa amiga. Mais visitantes com 260\$. De uma subscrição na Comp.º de Transmissões duzentos.

E agora as presenças que vêm directas à nossa dispensa: do S. Gil, da Fasol, além dos saborosos 2.500\$ e da C. I. M. da Saboeiras, do Grémio dos Industriais de Panificação. E um rancho monumental oferecido por uma senhora da África do Sul através dos Armazéns Caramulo. Foram mais de três contos.

Ainda presenças certas como do Pessoal da Permar entregue na Paróquia e mais cem e mais

duas vezes mais no mesmo lugar. E uma carta branca com mil. Um senhor da Beira que passou e deixou cair 500\$00. Mais um cheque de 1.200\$ de um oficial do exército «há muitos anos admirador da Obra do Padre Américo pelo significado sublime que encerra».

De um mealheiro 200\$. Dos subscritores da sra. D. Alda 3.545\$. Do Entrepasto os 500\$ mensais. Mais cinco rands e 300\$ de uma família em visita. E ainda a costumada presença da Beira com cem e dois sacos de roupa.

Por quanto aqui vai Deus fol louvado e será para sempre pelos Seus filhos desta Casa do Gaiato.

Padre José Maria

Pelas Casas do Gaiato

Paço de Sousa

Paço de Sousa dormente nestas colunas, volta a marcar presença.

FERIAS — Quase toda a malta foi passar férias a Azurara. Os poucos que ainda faltam, quando os nossos leitores lerem esta edição de «O Gaiato» devem já estar a gozá-las também. De todos em geral mas especialmente dos mais pequeninos, ouço esta exclamação: «Eh pá que belas férias eu passei! Que bons banhos no mar!» E muitas outras coisas eles dizem.

LAVOURA — Tivemos pouca fruta! E a malta gosta tanto! Quanto às uvas das ramadas a coisa está a correr bastante bem. Mas começam a aparecer umas ramadas um pouco carecas. E o Snr. Padre já começou a avisar se conti nuassem a desaparecer não se comia uvas à sobremesa. Toda a malta espera com ansiedade os dias das vindimas, pois é aí que eles comem até fartar.

VISITANTES — Tocando num

Laurentino

A NOSSA TIPOGRAFIA

Cont. da PRIMEIRA página a dar amor e valor à vida. O trabalho a prender amorosamente os que andavam soltos pelos caminhos em notório prejuízo da Nação. Eis aqui a verdadeira riqueza da nossa tipografia. Que todos se alegrem que por ela, pelo trabalho dela, havemos de salvar e garantir profissão aos que de outra sorte seriam uma peso morto no meio de nós. Eu quisera saber rezar; compor uma oração espontânea e fervorosa para dizer de joelhos, e todos comigo, de quanto devemos a Deus todo Poderoso Criador do Céu e da Terra. Dizer dos altos pensamentos e santas inspirações com que Ele sabe inundar as almas de boa vontade. Dizer baixinho, oferecer tudo e não pedir nada! Esta seria a oração que eu devia compor; esta seria a acção de graças por ter sido possível vencer tantas dificuldades com sacrifícios tão diminutos; — porque Deus ajuda».

E há-de continuar a ajudar-nos!

Quantos Rapazes modelaram aqui seu futuro de homens úteis, hoje pais de família?! A quantos mais dá e dará a mão?! É a sua função principal — fazer homens. Homens úteis.

Mas, caso curioso, o edificio que primitivamente seria para todas as oficinas da «Aldeia», há muito que é só da Tipografia e do «Famoso».

Mais; iniciámos vida com 500 contos de máquinas usadas. Temos, agora, graças a Deus, equipamento no valor aproximado de 3.000 contos!

Ainda mais; a tiragem do «Famoso» cifrava-se em 22.000 exemplares. Hoje são 50.000! Pensamos, no entanto, para breve, fazer despertar novamente o sentido apostólico da maioria dos leitores, para a santa conquista de outros enamorados para o «Famoso». Precisamos não só preencher vagas com gente nova, como difundir por mais largo a chama que alumia já tanta gente. Outra riqueza da nossa Tipografia!

Fica no ar o grito para oportuna campanha de assinaturas. Mais 500, 1.000 ou 2.000 leitores será a melhor prenda dos nossos Amigos para a próxima festa dos 21 anos. Preparem-se. E mal lancemos as redes, prontifiquem-se a colaborar na safra. Não podemos parar, que o mundo espera por nós. Não lhe voltamos as costas.

Júlio Mendes



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P.
PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE



VISTAS DE DENTRO

Cont. da TERCEIRA página

x x x

A expedição do jornal é um sector muito característico entre as nossas múltiplas actividades e não pouco importante, pois isto de despachar trinta e tal mil jornais para outros tantos assinantes é tarefa talvez singular no nosso País, que bem precisava de gente madura a superintender. Pois o chefe é o Henrique que não sei se já fez 16 anos, secundado por «Eusébio», «Gordinho» e outros do mesmo naipe. Quem se pode admirar de alguns azares que acontecem?!

O que eu não sabia era de leis preferenciais a título de bairrismo, como revela neste documento, felizmente achado,

mestre Henrique. Ora tomem o testemunho:

«Eu trabalho na secção do jornal «O Gaiato» e sou expedidor. Quando é a semana da expedição, eu começo a tirar e a endereçar o jornal das terras que estão por ordem alfabética. Quando chega a vez de sairem os jornais para Braga aquilo é um reclame que tu nem imaginas. Os jornais para Braga dos 289 assinantes que tem, vão sempre mais direitinhos e melhor amarrados do que as outras terras. É só para saberes quanta amizade eu tenho por essa linda cidade de todos os portugueses.»

Escusado será dizer que o Henrique é natural de Braga e o documento é parte de mensagem a outro bracarense!

x x x

Mas as aventuras da expedição não ficam por aqui.

Outro dia apareceu af esta carta:

«Por este mesmo correlo fiz seguir uma encomenda postal contendo uma bola de borracha, endereçada ao meu Amigo A. Augusto, satisfazendo assim um seu pedido formulado à margem dum exemplar do V. Jornal.»

A. Augusto era oficial da expedição na altura. Queria uma bola e não esteve com meias medidas!

O que eu não sei é se ele escreveu só naquele exemplar dirigido a pessoa conhecida, ou se escreveu em muitos e só aquele pegou...